A coragem de mover o corpo quando o mundo paralisa: juventudes, gesto e resistência em *AdoleSer.*

Por Igui Leal

> *"O tempo rodou num instante / Nas voltas do meu coração..."* — **Chico Buarque** (*Roda Viva*)
>
> *"Para educar para a liberdade, portanto, temos que desafiar e mudar o modo como todos pensam sobre os processos pedagógicos."* — **bell hooks** (*Ensinando a transgredir*)

Não tem como começar de outro jeito. Começo destacando a força, a emoção e a alegria que é ver a diretora e artista Ysa Cardoso, atuando e conduzindo esse bando de jovens no palco do FETO.

O título da obra, *AdoleSer* já nos entrega a chave poética e filosófica de leitura na sua própria grafia: estamos falando muito mais da urgência do "SER" do que apenas de uma fase biológica ou passageira. Trata-se do desafio vivo de pensar, sentir e habitar uma adolescência em profunda transformação.

Concebido como um espetáculo de dança, o trabalho estrutura-se em um rigoroso desenho coreográfico que se abre, com muita frescura, para momentos de improvisação. A dramaturgia do movimento é sensível e madura justamente porque realiza um mapeamento minucioso do gesto cotidiano dessa infância e adolescência contemporâneas, transformando ações habituais em partituras físicas e metáforas corporais de grande potência. A cena é permeada por essa costura orgânica entre sequências coreográficas e pequenos diálogos — trocas textuais breves e certeiras que operam como uma verdadeira cartografia afetiva e política do que é ser jovem hoje.

Nessa produção de metáforas a partir do corpo, fica muito evidente a oposição estética que a coreografia constrói: de um lado, pulsa a infância, livre, circular, porosa e orgânica; de outro, impõe-se a vida adulta, que vai se tornando dura, enrijecida, linear e mecanizada. As perguntas que ecoam em nossa própria pele enquanto assistimos são inevitáveis: quando é que a gente perde essa criança?

Como sustentar a coragem de se mover quando o mundo, lá fora, insiste em nos paralisar?

É impossível olhar para essas jovens em cena e não pensar nas complexidades da chamada Geração Z, frequentemente reduzida pelo senso comum ao rótulo de "geração triste". *AdoleSer* tem a coragem de rasgar essa característica para expor os paradoxos e as dores reais da nossa contemporaneidade. Vemos no corpo das intérpretes o peso muitas vezes esmagador da instituição escolar, a solidão profunda em meio à hiperconexão, os efeitos nocivos das redes sociais e essas marcas tão presentes no cotidiano juvenil — a luz fria da tela do celular, a camada de maquiagem —, que na partitura cênica deixam de ser mero hábito ou estética para se revelarem como uma cartografia crítica.

A arte, contudo, nos oferece a possibilidade vital de dar um passo atrás e olhar a vida em perspectiva. E *AdoleSer* articula com delicadeza as subjetividades à engrenagem social, nos possibilitando reconhecer que tanto as adolescências quanto as infâncias não são abstrações universais, mas experiências historicamente contextualizadas. É exatamente nesse ponto que a escolha sonora atinge um estado de graça: um repertório amplo e diverso que toma clímax com a entrada da música *"Roda Viva"* ("Roda pião, bambeia pião"), de Chico Buarque. Trazer uma canção forjada sob o peso histórico da ditadura militar para o corpo de adolescentes de hoje funciona como uma metáfora de vertigem, resistência e desejo de mudança. Esse elemento, somado a um figurino que resgata e dialoga com a própria tradição da dança, cria uma atmosfera cênica onde o clássico, o histórico e o contemporâneo colidem para produzir outros sentidos.

Toda essa potência estética reflete diretamente as condições reais de quem está construindo e conduzindo esse processo. O espetáculo nasce da resistência diária das jovens estudantes e da professora e diretora Ysa Cardoso — uma mulher trans na linha de frente da docência e da criação artística. Destacar a presença de uma educadora trans liderando esse projeto é sublinhar a radicalidade política e pedagógica desse encontro: é a prova viva de como corpos dissidentes na educação básica abrem brechas de liberdade, atuando como esse gesto fértil de transformação. Reconhecer a radicalidade de "como é

ser" e exercitar uma escuta sensível capaz de ler essas juventudes em sua inteireza.

Saber como essa obra se materializa nos bastidores torna tudo ainda mais sensível. Estamos diante de um projeto de trajetória que resiste nas frestas do tempo institucional. Os ensaios acontecem no intervalo entre as aulas, espremidos em uma ou duas horas semanais. Isso escancara, mais uma vez, como o fazer artístico luta bravamente dentro da educação básica e técnica para existir, concretizado pelo desejo inegociável dessas jovens e de sua professora de continuarem produzindo arte no chão da escola.

Fazer um trabalho dessa envergadura resistir exige, acima de tudo, comunidade, rede e gestão de afetos. A formação e a prática de um artista-docente hoje passam intrinsecamente por essa capacidade de mobilizar o entorno. Não por acaso, ver na plateia do festival a presença emocionada da mãe de uma das bailarinas e de outra professora da escola mostra como o espetáculo transborda a sala de ensaio: ele afeta e mobiliza tanto a equipe pedagógica quanto os núcleos familiares, reunindo todos para celebrar a arte e a vida das estudantes.

No fim das contas, diante de uma realidade que tantas vezes tenta nos engessar no medo e no cansaço, o que *AdoleSer* nos oferece é um manifesto em movimento: a coragem de continuar dançando nas brechas do tempo e a certeza de que a verdadeira educação se faz pelo afeto, pelo bando e pela teimosia da arte.

Referências:

BUARQUE, Chico. *Roda Viva*. Rio de Janeiro: Gravadora Philips, 1968.

hooks, bell. *Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade*. Tradução de Marcelo Brandão Cipolla. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2013.